

PRÁTICAS AVALIATIVAS: RELATO DE EXPERIÊNCIA NO 1º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL DO COLÉGIO DE APLICAÇÃO JOÃO XXIII

Andreia Alvim Bellotti Feital¹
Miriam Raquel Piazzi Machado²
Rita de Cássia Barros de Freitas Araujo³

Resumo

Este trabalho apresenta um relato das práticas avaliativas em Língua Portuguesa, desenvolvidas no 1º ano do Ensino Fundamental do Colégio de Aplicação João XXIII, da Universidade Federal de Juiz de Fora. As atividades relatadas fundamentam-se na compreensão da avaliação enquanto um processo que precisa estar ancorado na observação e no registro, a fim de que possa oferecer subsídios para orientar e reorientar a prática pedagógica, a partir das respostas que os estudantes apresentam ao trabalho mediado pelo professor.

Palavras-chave: Avaliação. Alfabetização. Ensino Fundamental.

¹ Professora do Colégio de Aplicação João XXIII, da Universidade Federal de Juiz de Fora/UFJF. Doutoranda em Educação pela Universidade Católica de Petrópolis.

² Professora do Colégio de Aplicação João XXIII, da Universidade Federal de Juiz de Fora/UFJF. Doutoranda em Educação pela Universidade Católica de Petrópolis.

³ Professora do Colégio de Aplicação João XXIII, da Universidade Federal de Juiz de Fora/UFJF. Doutoranda em Educação pela Universidade Católica de Petrópolis.

INTRODUÇÃO

Este trabalho discorre acerca das possibilidades e desafios da avaliação, buscando compreendê-la como um elemento significativo no processo de ensino-aprendizagem à medida que possibilita um olhar diferenciado para esse processo e para os sujeitos nele envolvidos, oportunizando reflexões em torno da prática pedagógica. Com esse objetivo, focalizamos as práticas avaliativas desenvolvidas no 1º ano do Ensino Fundamental (E.F.) do Colégio de Aplicação João XXIII, da Universidade Federal de Juiz de Fora (C.A. João XXIII), trazendo à tona algumas possibilidades de efetivação da referida avaliação. Não temos a intenção de transformar tais práticas em modelos ou receitas, mas socializar experiências exitosas desenvolvidas junto aos nossos alunos.

Vale ressaltar que a prática aqui abordada está aliçada em uma compreensão de avaliação que visa o acompanhamento de todo o processo de ensino-aprendizagem com vistas ao desenvolvimento da criança em sua integralidade. Nesse sentido, destacamos a relevância da observação e do registro pelo professor, a fim de que possa dispor de subsídios para orientar e reorientar a prática pedagógica, a partir das respostas que os estudantes apresentam ao trabalho por ele mediado.

A escrita deste texto foi motivada por nossa participação como Formadoras no Programa Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa – Polo Juiz de Fora, assim como pelo interesse, demonstrado pelas Orientadoras de Estudos deste programa durante a apresentação que fizemos da nossa prática avaliativa no primeiro ano do Ensino Fundamental do C.A. João XXIII, em conhecer e compreender as possibilidades e desafios de uma avaliação diagnóstica e formativa já experienciada.

O texto organiza-se a partir de um movimento teórico-prático que coincide com nosso objetivo em promover avanços na prática pedagógica a partir de um processo reflexivo que envolve olhar para a prática, buscando compreender

a teoria que a fundamenta. No primeiro momento⁴ trazemos as concepções de avaliação que fundamentam a nossa prática pedagógica e, no segundo, apresentamos o relato das práticas desenvolvidas e breve contextualização da escola, *lócus* de nosso trabalho. Por fim, tecemos considerações sobre o trabalho desenvolvido.

1 CONCEPÇÕES NORTEADORAS

De acordo com Brasil (2012) uma concepção mais progressista de avaliação significa considerá-la uma ação que inclui os vários sujeitos em busca de um sistema integrado de co-avaliação. Neste sentido, docentes, discentes e equipe avaliam e são avaliados. Segundo as autoras, nesta concepção de avaliação, o planejamento docente se constitui como uma ferramenta essencial ao processo e é reconhecido como ferramenta que tanto auxilia na orientação das ações do professor, como lhe possibilita compreender o processo de construção das aprendizagens pelos estudantes e a refletir sobre as estratégias de ensino.

Brasil (2012, p. 12), evidencia ainda que

cabe ao professor, por meio da observação e do diálogo permanente, buscar compreender os estudantes, estando sensível não apenas ao que eles demonstram saber ou não, mas também às suas características e modos de interagir, suas inseguranças, seus medos e anseios.

Comprendemos, com base no que é proposto por Brasil (2012), pelo Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (RCN) e nos documentos Orientações para a inclusão da criança de seis anos no Ensino Fundamental, que a avaliação tem como função acompanhar, orientar, regular e redirecionar o processo ensino-aprendizagem como um todo, considerando todos os

⁴ Em respeito ao principal objetivo deste artigo, optamos por evidenciar as práticas avaliativas desenvolvidas, apenas enunciando, sinopticamente, as concepções que as fundamentam.

envolvidos e o contexto de realização. A avaliação não tem, portanto, o objetivo de classificar ou penalizar os alunos. Sendo assim, reconhecemos a avaliação como uma ação intencional, planejada de acordo com os objetivos pré-definidos, com as metas a serem alcançadas, com os sujeitos envolvidos e com o contexto em que é realizada.

Diante disto, reconhecemos a avaliação como um instrumento diagnóstico e formativo, parte integrante do processo ensino-aprendizagem. Diagnóstico na medida em que visa identificar os conhecimentos, conceitos e habilidades que as crianças dominam, permitindo ao professor traçar o perfil de cada aluno e, conseqüentemente, da turma. Formativa porque busca, a partir de procedimentos diversos – formais e informais –, informações sobre a aprendizagem e o desenvolvimento dos alunos para orientar a formação, para auxiliar no traçado do itinerário a ser seguido de acordo com a evolução de cada aluno e da turma.

De acordo com Zabala (1998, p. 201),

avaliação sempre tem que ser formativa, de maneira que o processo avaliador, independentemente de seu objeto de estudo, tem que observar as diferentes fases de uma intervenção que deverá ser estratégica. Quer dizer, que permita conhecer qual é a situação da partida, em função de determinados objetivos gerais bem definidos (avaliação inicial); um planejamento da intervenção fundamentado e, ao mesmo tempo, flexível, entendido como uma hipótese de intervenção; uma atuação na aula, em que as atividades e tarefas e os próprios conteúdos de trabalho se adequarão constantemente (avaliação reguladora) às necessidades que vão se apresentando para chegar a determinados resultados (avaliação final) e a uma compreensão e valorização sobre o processo seguido, que permita estabelecer novas propostas de intervenção (avaliação integradora).

Importa salientar que nesta perspectiva, em que estamos preocupados com o processo, a formação e o desenvolvimento integral e real do aluno, e não apenas com os resultados obtidos, o erro é concebido como revelador das hipóteses dos alunos sobre determinado conhecimento,

fazendo parte do processo de aprendizagem. Visto desta maneira, o erro acaba por auxiliar no planejamento das próximas ações do professor, na escolha das atividades e metodologias a serem adotadas.

Tendo em vista essas considerações, apresentaremos a seguir as práticas avaliativas que desenvolvemos junto aos nossos alunos do primeiro ano do Ensino Fundamental, na disciplina Língua Portuguesa.

2 COMPARTILHANDO EXPERIÊNCIAS: CONTEXTO E PRÁTICAS

O Colégio de Aplicação João XXIII/Universidade Federal de Juiz de Fora (C. A. João XXIII), localiza-se no bairro Santa Helena, região central da cidade de Juiz de Fora, Minas Gerais. Atualmente atende cerca de 1300 alunos distribuídos entre os segmentos: Ensino Fundamental, Ensino Médio e Educação de Jovens e Adultos. O primeiro ano do Ensino Fundamental conta com 80 alunos distribuídos entre quatro turmas.

O ingresso dos estudantes ao Colégio acontece por meio de sorteio público, com vistas à garantia de acesso democrático a todos. Como consequência, os alunos são oriundos das mais variadas classes sociais e realidades escolares, assim como são provenientes de diversos bairros da cidade de Juiz de Fora, e mesmo de cidades circunvizinhas, como Matias Barbosa e Bicas.

Considerando a diversidade de nossos alunos e o desenvolvimento de uma prática reflexiva, estabelecemos como critério a flexibilização dos instrumentos avaliativos aqui apresentados. Portanto, podem sofrer alterações no decorrer dos anos, estando em constante processo de revisão e de reformulação. Representam, assim, um recorte da prática desenvolvida no colégio⁵.

⁵ A avaliação desenvolvida pelo Colégio de Aplicação foi apresentada anteriormente em: MACHADO, Miriam Raquel Piazzini Machado; DUARTE, Cátia Pereira; FERNANDES, Andrea Vassalo Fagundes. *Trilhando caminhos*

2.1 INSTRUMENTOS DE AVALIAÇÃO UTILIZADOS

a. Entrevistas

As entrevistas acontecem antes do início do período letivo e têm como objetivo diagnosticar em que fase do desenvolvimento da leitura e da escrita as crianças se encontram. Para a construção e realização desta avaliação tomamos como base os estudos de Emília Ferreiro e Ana Teberosky sobre a Psicogênese da língua escrita.

As crianças participam individualmente das entrevistas que duram cerca de vinte minutos e são estruturadas em dois eixos: i) conhecimento da criança e de sua família (com quem mora, número de irmãos, onde estudava, como era a criança na escola anterior, entre outros) ii) conhecimentos da criança sobre reconhecimento das cores primárias e secundárias, formas geométricas básicas, da noção de quantidade, da representação numérica. Deste segundo eixo também faz parte um ditado, com ou sem o auxílio do alfabeto móvel disposto em cima da mesa. O ditado é feito usando-se palavras do repertório infantil, com o objetivo específico de avaliar em qual etapa da aquisição da leitura e da escrita a criança se encontra. Ao terminar, os alunos são convidados a realizar a leitura de um livro de literatura. O convite inicial é para que façam uma leitura das imagens para que possamos observar a sequenciação das ideias, assim como a criatividade e espontaneidade. Entretanto, aqueles que se dispõem, fazem a leitura do texto do livro. Desta forma, o convite para a leitura possibilita-nos conhecer também como as crianças estão em relação ao desenvolvimento da leitura.

A partir dos resultados das entrevistas, são formadas turmas heterogêneas, ou seja, procuramos dispor os alunos entre as turmas de forma que em todas possamos encontrar crianças em diferentes estágios do processo de alfabetização.

para uma avaliação formativa: um relato de experiência na Educação Infantil do C. A. João XXIII. Juiz de Fora: Instrumento: Revista de Estudo e Pesquisa em Educação. v. 9, p. 7-13, jan/dez 2007.

A formação de turmas heterogêneas, com crianças em diferentes níveis de compreensão da leitura e escrita, permite que as crianças, em constante interação, formulem e reformulem suas hipóteses, construam e reconstruam seus conhecimentos em um processo contínuo e evolutivo. Entendemos que não há prejuízo para as crianças que estão mais avançadas, porque não se impõem etapas de aprendizagem para ninguém, não trabalhamos com grupos específicos de dificuldades como nas tradicionais cartilhas. O universo de escrita e leitura é apresentado e cada criança tem a oportunidade de usufruir deles dentro de suas possibilidades e na troca com o outro (que pode ser o colega, o monitor, a professora e ele próprio na medida em que é leitor do próprio texto).

b. Sanfona do Grafismo e da Escrita

A Sanfona do Grafismo e da Escrita pretende ser um instrumento de registo e acompanhamento mensal. Tem como objetivos: (i) acompanhar o processo e fazer registo, tanto individual quanto coletivo e (ii) verificar em que fase da construção da escrita a criança se encontra.

Realizamos ditado conceitual, ou seja, não utilizamos palavras já trabalhadas em aula, mas apenas palavras que sejam de um mesmo contexto ou campo semântico (objetos escolares, brinquedos, alimentos, entre outros). Somamos a esses critérios a seleção de palavras com diferente número de sílabas, iniciando por aquelas de maior quantidade silábica. Isso se explica pela relevância em oferecer à criança mais elementos para a reflexão no registo das palavras. Assim, buscamos evitar que aquelas crianças que estejam escrevendo segundo a hipótese do número mínimo de letras sintam uma grande dificuldade frente à primeira palavra do ditado.

Trabalhamos também com a possibilidade de realização da Sanfona individualmente, com o acompanhamento pelo professor enquanto as demais crianças se dedicam a outras atividades programadas para serem desenvolvidas com autonomia. Assim a leitura de cada uma das palavras

pela criança nos permite observar como ela está construindo esta escrita, se estabelece de fato relação entre o que escreveu e o que está lendo. Neste último momento muitas crianças entram em conflito com sua escrita e começam a reformular suas hipóteses, um passo importante na construção da escrita.

De posse do registro das crianças temos mais elementos para compreender o nível de construção da escrita de cada um, traçar objetivos para melhor atendê-los considerando suas especificidades, assim como as especificidades da turma. Isso implica, muitas vezes, em reorganização do planejamento.

Para orientar os pais, há um espaço na Sanfona do Grafismo e da Escrita destinado ao esclarecimento sobre as fases da aquisição da escrita, a saber:

Pré-silábica: a escrita é a representação da realidade. O que se escreve é o objeto e não a palavra. Nessa fase a escrita é alheia a qualquer busca de correspondência entre grafias e sons, portanto não há correspondência sonora, a criança utiliza letras com as quais mais convive, utiliza qualquer número de letras, de acordo com o tamanho do que está sendo representado **BOLTBA** (BORBOLETA); **PLIA** (FORMIGA); **BIJHART** (MARITACA).

Silábica: as letras e os números correspondem à quantidade de sílabas existentes nas palavras. A criança passa a compreender que há diferenças na pauta sonora dos vocábulos. Pode considerar que qualquer letra pode servir para qualquer som. Ainda dentro da fase silábica, a criança pode associar cada sílaba à sua vogal ou à consoante, utilizando uma letra para cada sílaba. **ABCD** (BORBOLETA – SEM CORRESPONDÊNCIA SONORA); **BBLTA** (BORBOLETA – COM CORRESPONDÊNCIA SONORA); **SAR** (FORMIGA); **MRTCA** (MARITACA); **FOIA**; **AIACA**.

Silábica-alfabética: a criança começa a perceber que a uma sílaba não corresponde apenas uma grafia. Ela intui o sistema alfabético, mas ainda pensa silabicamente, omitindo algumas letras. Portanto, oscila entre as duas fases. **BOBOLETA**; **FOMIGA**; **MAITACA**.

Alfabética: a criança compreende o sistema estabelecido e pode-se dizer que adquiriu a conceituação da alfabetização, a partir deste momento, ainda que não tenha o domínio completo da escrita. Já se torna capaz de fazer uma análise sonora dos fonemas. Isso, porém, não significa que todas as dificuldades estejam vencidas, surgindo os problemas relativos à ortografia, como também transcrição da fala. **BORBOLETA; FORMIGA; MARITACA.**

Ortográfica: Esta fase perpassa toda a vida escolar da criança na apropriação da Língua Portuguesa.

Sobre o desenvolvimento Gráfico, também coletamos informações. As crianças são convidadas a desenhar uma determinada cena em que haja pessoas, seguindo a mesma temática escolhida para a escrita. Dessa forma acompanhamos o desenvolvimento do grafismo, a observação da representação do esquema corporal, o uso do papel em toda a sua extensão, entre outros aspectos.

a. Ficha de acompanhamento individual e coletivo

Essa ficha é construída pelos professores a fim de acompanhar o desenvolvimento do aluno individualmente, assim como da turma, de forma global. Registramos mensalmente o nível de aquisição das crianças em relação ao sistema de escrita. (Figura 1).

b. Ficha de avaliação entregue aos pais

No final de cada trimestre⁶ há uma reunião com os pais e/ou responsáveis, quando é entregue uma ficha de avaliação de cada criança com base nas observações diárias e registros que fazemos.

Essa ficha é própria do 1º ano, devido à especificidade da idade das crianças, assim como da avaliação por nós desenvolvida. É um instrumento de avaliação que consideramos qualitativo, porque não há interesse em

⁶ O ano letivo do Colégio encontra-se dividido em três trimestres.

ALUNOS 1º ANO – 2014	Fev	Abr
Nome completo.	S	A
Nome completo.	S	SA
Nome completo.	PS	S
Nome completo.	PS	S
	PS	PS
	A	A
	PS	PS
	SA	SA
	A	A
	A+	A+
	A+	A+
	S	A
	A	A
	A	A
	S	SA
	S	SA
	PS	SA
	PS	PS
	A	A
	S	SA
TOTAL	20	20

Resultado total:

A = 7	A = 9
SA = 1	SA = 6
S = 6	S = 2
PS = 6	PS = 3
TOTAL 20	TOTAL 20

Fonte: Registro pessoal das professoras.

Figura 1 – Ficha de acompanhamento do aluno e da turma.

classificar e quantificar. Nos demais anos escolares o registro final de cada trimestre é entregue aos responsáveis por meio do boletim com nota.

Para construção dessa ficha, visto o número de professores das diversas áreas, é feito um trabalho de discussão coletiva. Nós, os professores, registramos os progressos de aprendizagem das crianças, as interações estabelecidas com os colegas, funcionários, professores e bolsistas e acompanhamos os processos de desenvolvimento das crianças pela troca com os pares. O que acontece por meio das reuniões periódicas do grupo de professores para discutir planejamento e avaliação dos alunos. Dessa forma, é possível obter informações sobre as experiências das crianças na instituição.

Essa ficha apresenta uma legenda⁷: S (sim), ED (em desenvolvimento), AV (às vezes), N (não), X (aspecto ainda não avaliado).

São avaliados diversos aspectos, entre os quais: 1. Aspecto sócio emocional; 2. Desenvolvimento das atividades; 3. Enriquecimento de experiências (Demonstra interesse em); 4. Aspecto Intelectual – Linguagem, 5. Aspecto intelectual: Conceitos Matemáticos; 6. Música; 7. Artes; 8. Educação Física; 9. Ciências, História e Geografia. Cada item desses é subdividido em diversos subitens.

Há também o campo das observações, onde são anotadas questões específicas do desenvolvimento de cada criança.

Ressaltamos que o processo de construção dessa avaliação é coletivo, ou seja, todos os professores da turma se reúnem para dialogar e buscar um consenso sobre o desenvolvimento de cada aluno. Não é um procedimento fácil, pois cada profissional observa o aluno segundo uma faceta, dependendo inclusive das possibilidades de suas disciplinas, dos espaços nos quais as aulas acontecem e

⁷ Atualmente, esta legenda encontra-se em discussão pelos professores, com possibilidade de alteração para os anos subsequentes, visando maior clareza em relação ao que se propõe. Assim como a redação de alguns subitens dos aspectos citados.

da forma como cada criança se relaciona com os diversos conteúdos curriculares. Nesse momento buscamos um consenso. Procuramos, dessa forma, evitar desvios nos registros individuais apresentados, chegando mais próximo da realidade de cada criança.

Por essas pressuposições, anotamos as observações específicas sobre cada criança, conforme seu desenvolvimento, progressos, etc.

Entendemos que essa ficha é apenas um olhar sobre a criança a partir do tempo de convivência que estabelecemos com ela no período escolar.

c. Trabalhos das crianças

Durante o trimestre vamos colecionando as diversas atividades produzidas pelos alunos e montamos duas pastas. Uma é específica de Artes e a outra contém atividades relacionadas aos outros conteúdos, contendo todas as atividades produzidas pelos alunos a cada trimestre. Nessas pastas entregues aos responsáveis segue uma página com uma breve descrição dos trabalhos e projetos desenvolvidos.

d. Relatórios descritivos

Ao final do ano letivo, os professores redigem um relatório descritivo sobre os alunos para os professores do ano seguinte. Esse relatório é documento interno do colégio, que tem o objetivo de registrar o desenvolvimento da criança nas diversas disciplinas, oferecer uma percepção dos avanços dos alunos, bem como das áreas em que é preciso maior investimento tendo em vista as dificuldades da criança.

e. Registro fotográfico

Ao longo do ano, procuramos documentar com fotos os trabalhos desenvolvidos com os alunos. Ao final do ano letivo entregamos às crianças um DVD, montado por nós, contendo os registros das experiências dos estudantes

proporcionadas pela escola. O vídeo propicia ver o desenvolvimento dos alunos ao longo do ano, bem como as diversas atividades que eles experimentaram.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao refletir sobre a prática avaliativa desenvolvida no primeiro ano do Ensino Fundamental do Colégio de Aplicação João XXIII, da Universidade Federal de Juiz de Fora, no recorte da disciplina de Língua Portuguesa, buscamos socializar nossa experiência com demais profissionais da área que também se vêm diante do desafio de avaliar numa perspectiva formativa. Reiteramos que em nenhum momento tivemos o objetivo de transformar o relato realizado em modelo, mas acreditamos que pode ser fonte de questionamentos e ideias a serem compartilhadas para repensarmos nossa prática. Esperamos que o diálogo que estabelecemos com o leitor não se finde com esta leitura, mas que seja mais um elo na corrente de produções sobre a temática em estudo.

Conforme evidenciamos, diferentes instrumentos foram utilizados tendo em vista uma prática avaliativa que atenda a objetivos diversos e considere as especificidades das crianças. Buscamos realizar uma avaliação contínua, que se desenvolve ao longo de todo o período letivo, em um processo de diagnóstico e intervenção pautados em objetivos predeterminados, tendo em vista os direitos de aprendizagem a serem trabalhados, assim como um desenvolvimento integral da criança.

Destacamos também, que outras ações complementares são empreendidas especialmente com aquelas crianças que necessitam de um acompanhamento diferenciado. Entre estas ações, as mais frequentes têm sido conversa com os responsáveis, quantas forem necessárias, e o contato e/ou encaminhamento para outros profissionais que possam colaborar com o desenvolvimento da criança.

Os relatos das práticas avaliativas aqui apresentadas refletem nossas crenças, nossos valores e as concepções de

ensino-aprendizagem e de avaliação. Não se constituem em um modelo a ser seguido, mas experiências que vêm se consolidando e se aprimorando no decorrer dos anos, ao longo de nossas participações em formações e constantes discussões em torno do que significa avaliar no primeiro ano do Ensino Fundamental. O que tem propiciado um processo reflexivo permanente com vistas à avaliação da prática pedagógica por nós desenvolvida.

Em nossas discussões, enfatizamos a relevância de considerar cada vez mais a criança em suas singularidades, suas experiências e conhecimentos prévios. O que nos auxilia pensá-las visando o desenvolvimento integral das mesmas. Somando-se a isso, realizar avaliação da própria prática para repensar as estratégias de ensino, de avaliação e superar as possíveis lacunas existentes, especialmente no que se refere ao ensino de Língua Portuguesa considerando de forma equilibrada seus quatro eixos – Leitura, Escrita, Oralidade e Apropriação do Sistema de Escrita Alfabética (SEA). Tudo isso supõe (re)elaboração das ações e predisposição a autoavaliação.

Muitos desafios ainda estão por vir, mas consideramos que o trabalho coletivo e a possibilidade de trocas, de participação em formações continuadas e a reflexões constantes sobre nossa prática e teorias que a fundamentam possibilitarão os avanços que ainda são necessários e que fazem parte de um processo que se pretende em permanente (re)construção.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Educação. Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa. *Avaliação no Ciclo de Alfabetização: reflexões e sugestões*. Brasília, 2012. Disponível em: <http://pacto.mec.gov.br/images/pdf/Formacao/caderno_avaliao.pdf>. Acesso em: 10 ago. 2014.

MACHADO, Miriam Raquel Piazzzi; DUARTE, Cátia Pereira; FERNANDES, Andrea Vassalo Fagundes. *Trilhando*

caminhos para uma avaliação formativa: um relato de experiência na Educação Infantil do C. A. João XXIII. Juiz de Fora: Instrumento: Revista de Estudo e Pesquisa em Educação. v. 9, p. 7-13, jan/dez 2007.

ZABALA, Antoni. *A prática educativa: como ensinar.* Porto Alegre: Editora Artes Médicas Sul Ltda, 1998.

ASSESSMENT PRACTICES: EXPERIENCE REPORT IN THE 1ST YEAR OF FUNDAMENTAL EDUCATION AT ‘COLÉGIO DE APLICAÇÃO JOÃO XXIII’

Abstract

This work presents a report of evaluative practices in Portuguese Language, developed in the 1st year of Elementary School at Colégio de Aplicação João XXIII from Universidade Federal de Juiz de Fora. The reported activities are based on the understanding of evaluation as a process that needs to be grounded in the observation and in the recording, so that it may provide subsidies to guide and reorientate the educational practice, from the responses that the students have presented to the work mediated by the teacher.

Keywords: Evaluation. Literacy. Basic Education.

Data de recebimento: agosto 2014

Data de aceite: setembro 2014